

Identidade, Metamorfose e Fantasmas em *Uma Fábula de Amor*

David Antunes

Um motivo essencial do último livro de António Franco Alexandre, *Uma Fábula* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2001), é o da possibilidade do sujeito pensar a sua identidade pessoal, no contexto de uma existência dissemelhante, que se caracteriza pela metamorfose, e portanto por um processo de descontinuidades óticas. Na estrita dependência deste dilema, localiza-se a angústia emotiva não já de quem é incapaz de amar ou não é correspondido, mas de quem, em virtude da impossível diferenciação em relação ao tu, não sabe exactamente quem ama e tem como resposta o eco das suas próprias palavras, repercutido por si mesmo e pelos fantasmas que o habitam.

É talvez neste sentido que adquirem relevância semântica as epígrafes deste livro. Na primeira, que prefacia os quatro poemas de *Uma Fábula* – 1. poema simples; 2. duplo; 3. eco; 4. epimítio -, alguém diz, aparentemente de modo heróico, que agora se encontra apto a contar *how bodies are changed into different bodies*. Não iludindo o espectro erótico e as implicações gastronómicas da referência, ambos iluminados pela bela capa deste livro, aquilo que a passagem regista é principalmente a putativa visibilidade de um processo animal. As alterações morfológicas, causadas pela metamorfose, não anulam uma identidade animal, e também por essa razão este livro é uma fábula, mas tornam problemáticas uma coerência e estabilidade mentais, emotivas e mnésicas, essas sim insusceptíveis de explicação e de consequências imprevisíveis. Justifica-se assim o tom menos eufórico e melancolicamente circular das outras duas epígrafes. *Ci est d'amer volonté pure*, que introduz «eco», parece descrever, na declaração de uma vontade pura, a impossibilidade de realização do amor no outro. Por sua vez, em *When I travel coast to coast / In the motel you're the ghost*, que apresenta «epimítio», é especialmente ambíguo determinar se o Eu, que viaja, se dirige a um Tu, diferente dele e que é o fantasma no

motel, ou se o Eu, que viaja, se dirige a si mesmo, como Tu e fantasma de um outro estado desta existência, definida pelo movimento pendular (plausivelmente ininterrupto) de viajar de costa a costa.

Não se tome por atitude despicienda, em relação ao autor e aos poemas de *Uma Fábula*, esta de iniciar o comentário deste livro pela consideração das palavras de outros livros. É que precisamente um dos factores fundamentais da instabilidade da identidade e da possibilidade de se diferenciar de um Tu, passível de ser amado, é determinado pelo que se herda de outros corpos e dos mortos, em forma de palavras e pedras mudas:

... Muitas palavras
não cabem em nós. Carregamos
a serradura memorial, dísticos, lápides,
umas pedras egípcias para o dia de decifrar,
nada, mesmo nada, nos é permitido. Por fantasia
chamamos a isto um «privilégio», um delicado
sistema óptico. (69).

Mesmo o espaço, que nos acabe como indivíduos, ou não existe, como pensamos que existe, ou é aparentemente habitado por outros, sendo assim a identificação de particulares impossível. Por isso, os indecisos destinos, que, hipoteticamente, se escolhem, estão sujeitos a critérios irónicos e improváveis:

...Ter planos de vida
para depois da guerra que não acaba, quando vier
a paz que não vem. Talvez em almada, pelos guindastes;
ou em almofagema, pelo nome; berlim, pelo frio
silêncio no meio do trânsito; este planeta
certamente, pela atmosfera oxigenada. (54).

Até as viagens são publicitadas por uma agência, existente na rede virtual das combinações numéricas, cibernética e fantasmática, que não esconde também o facto de ser uma agência de torturas e promete conduzir à memória de tormentos e a fantasmas de outros corpos: «visitará treblinka, regresso a varsóvia pela tarde, / passeio no parque lazienqui ao som de chopin. Depois / hotel, jantar. Consulte www.tourtours programa completo.» (54).

Não admira por isso que, num mundo cheio de palavras e fantasmas, com «todos estes fatos com carne dentro» (55) e as identidades trocadas, nada nos seja permitido e a poesia e a

filosofia não tenham qualquer efeito e pertinência que as justifique, enquanto exercícios não retóricos:

... Já me não serve de nada a poesia,
a literária «arte de chiar». E quanto a pensamento: esse schelling
já me moeu o siso. Desisti de entender
a «identidade». Pense quem lê. Todos os teus
passaportes eram falsos, por mero paradoxo;
o rio, de que tanto falavas, nem sequer existia;
nunca te parecias, nem nunca aparecias
com o perfil, tão certo, do retrato. (53).

E é como exercícios de retórica, em que se afirmam identidades irónicas e derogatórias de si mesmas – «mas o meu poema simples / tem rima, não tem razão» (26) –, que leio os dois primeiros textos de *Uma Fábula*: «poema simples» e «duplo». Em «poema simples», vemos, numa longa e ininterrupta sequência composta de sextilhas, com versos de redondilha maior, uma espécie de franco antónio como delegado de narciso (24), identificando-se com este último e por ele falando, como se em, certos momentos, se verificasse uma transubstanciação lírica. Os tons adoptados por este sujeito misto, que começa por se apresentar como «breve chuvisco de tarde» (11), oscilam entre o complacente, o confessional, o displicente, o testamentário e o irónico. Numa encenação retórica de uma entidade poética, que ora se pode figurar pelo escolhido da poesia e missionário do amor ou pelo poeta que escreve «o reverso da canção / que [me] foi encomendada» (14), ora se reduz a um «rosto de tinta» (15), enunciam-se desejos impossíveis de evasão e libertação do jugo poético:

Na verdade nada peço
senão a palavra que
me liberte desta ilha
me tire do pulso a anilha
me destape do poço
que me demora o embarque (24).

Também em «duplo», poema formado por decassílabos em estruturas de catorze versos, se assiste a um pedido de libertação, mas aparentemente por razões distintas: «eis-me que tremo, à sombra dos teus olhos, / e te imploro a palavra que liberta.» (43). Um sexagenário, que aparenta ser da idade do próprio mundo e deter o poder da ubiquidade e onisciência, lamenta, algo presunçosamente, que o «saber de coisas e mundos», os «poemas alheios», as

«vãs filosofias» (31) e a possessão da «equação de tempo, espaço, e nada» (32) já não possam ser a moeda de troca para o amor. Tudo o que é e o que foi, aquilo que é seu e do que se apropriou encontram a indiferença e a impaciência de quem se quer impressionar: «são meros truques que te desconhecem, / o tosco esboço só de uma armadilha» (32). O insucesso da transacção do charme, que o saber mágico e balofo permitiria, dá, por isso, lugar à promessa de uma dedicação sem interesse nem vantagem própria: «crescerás livre, no teu corpo todo / diverso do meu, tão alheio ao meu.» (36). Na consciência de uma «rima / desajeitada, e pobre, e mal sentida» (45), metonímia da própria condição pessoal, manifesta-se o desejo de acordar «desta história / que me traz preso à lama como um fio / e me tropeça sem razão nem rima;» (35), permitindo-se ainda a ilusão do que se poderia ter sido e a aspiração de se inventar e transformar em substâncias irrealizáveis. Por fim, percebe-se que a impossibilidade da atenção, que se reclama, advém do facto de se ser nada, ou seja, ser apenas o outro de quem se lastimam a impaciência e o desamor: «eu que tão facilmente me transformo / em chuva de ouro, em águia, abutre, ou vento /.../ na tua boca é que respiro, e morro / entre amáveis ladrões, sem cruz ou espada.» (44).

A premente necessidade de identificação e de escapar ao cepticismo acerca da própria existência implica, em *Uma Fábula*, a sistemática recorrência aos outros que, embora eventualmente existentes, não possuem uma imagem e identidade próprias, que possibilitem a certeza da existência do sujeito. Dois modos de percepção deste problema definem, no entanto, a estrutura do livro e a forma dos seus poemas. Nos dois primeiros, assistimos a uma afirmação ostensiva e retórica do eu, que se vangloria, mente, deseja, ama e lamenta; em «eco» e «epimítio», denuncia-se, sobretudo, a impossibilidade de os outros nos devolverem a consciência da nossa própria existência e, por isso, ainda que se tenha uma vontade pura de amar ou de amor, o que nos resta é uma espécie de petrificação emotiva, tal como à ninfa Eco: «Agora vai ser assim: nunca mais te verei.» (49). Em «eco» e «epimítio», dá-se expressão à

percepção pungente de uma ausência tão mais atroz, quanto sistematicamente se presente e respira a presença e a proximidade do que está ausente.

Nesta fábula, que é uma espécie de conversa privada de interlocutores com posições dramáticas determinadas, pela necessidade de iludir o solipsismo e o cepticismo, mas com as identidades difusas e translúcidas dos fantasmas, o outro habita o próprio sujeito. Como se pode amar, realizar a vontade de amar, se o objecto do amor se reduz e apenas se deixa traduzir nas palavras de desejo de quem ama, não possuindo identidade ou sequer as marcas de um rosto?:

Não tinhas, reparei, «identidade». Faltara-te, ou perderas,
identikit, umbigo de fabrico, carte de séjour; só ficaram
as marcas distintivas de um humano rosto, e depois
também elas se apagaram ou multiplicaram
nos humanos gestos amados, e na cegueira
do humano desejo desejado, da palavra «tu».
Como posso agora começar a falar-te? Ninguém
melhor conhece o amor, e o desprezo do amor (57).

Talvez a certeza de existirmos e o amor só aconteçam na equívoca possibilidade de actos assepticamente separados do resto do mundo, das palavras e da memória:

... beijo-te, não é? nada estava escrito,
nenhuma verdade comum aos planetas,
éramos só nós sem nenhum segredo,
vivos e completos, serenos, mortais. (73).

David Neves Antunes